

Borges em três tempos

Artigos de Alexandre Eulalio

O bestiário fabuloso de Jorge Luis Borges

Um manual de zoologia fantástica era mesmo tarefa para alguém do porte de Jorge Luis Borges, esse escritor ainda pouco conhecido no Brasil e que é um dos maiores poetas do seu tempo. Poeta que se realizou, principalmente, na prosa, ficando célebre por seus contos e por seus ensaios, o mundo do poeta Borges – ecumênico, eruditíssimo, intoxicado mesmo por uma cultura vivida até a exaustão – forma uma ilha perfeitamente definida dentro do panorama literário não só do seu país, mas de toda a América. Nele se cruzam fabulários de diversas nações, e se o autor se empenhou em criar uma mitologia propriamente portenha – não saberia dizer com que resultado – alcançou absoluto êxito numa terra aparentemente de ninguém: falou em espanhol a língua de seu tempo, e de Buenos Aires, cidade indecisa entre seus dois destinos, o crioulo e o europeu, tomou o pulso do mundo.

Escritor cujo estilo límpido traduz uma obra compósita, realizada em vários planos, a interessada curiosidade de Jorge Luis Borges abarca tempo e eternidade – todos os tempos, todas as eternidades. As histórias reunidas em *Ficciones* e *El Aleph*, os ensaios de *Historia de la Eternidad*, das duas séries de *Inquisiciones* e de *Discusión*, o estudo sobre Evaristo Carriego, os *Poemas* – para citar apenas algumas das obras mais significativas – trazem em si um tal poder de sugestão que, trabalho de inventor ou de erudito, abrem idênticas perspectivas para a investigação e o sonho. “Meus sonhos são como a vossa vigília”, declara uma das suas personagens, herói de mundo vertiginoso em que nada é esquecido, naquele conto que o autor chamou de comprida fábula sobre a insônia. Moralista a seu jeito (a inquietação de Lope no espírito de Montaigne), a múltipla personalidade do escritor argentino não parece repelir a aproximação de vida e sonho, e de um sonho mais propriamente pesadelo. Na verdade, podia ele dizer com o nosso poeta – sou trezentos, e assombrado.



*Desenho de Oscar Smoje para a capa de Libro de sueños,
de Jorge Luis Borges.
Buenos Aires: Torres Agüero Editor, 1976.*

Uma compilação, uma gentil antologia dessas assombrações e desses fantasmas, sempre amáveis numa heráldica, constitui o *Manual de Zoologia Fantástica* que o contista de “La muerte y la brújula” (que é também o professor de *Antigas Literaturas Germânicas*) teve a pachorra de organizar. Estes exercícios de prosa descritiva, de certo modo paralelos ao ensaio de prosa narrativa da sua cruel e risonha *Historia Universal de la Infamia*, compõem um fichário transfigurado, verdadeiro instrumento de trabalho do autor, que codificou, para facilitar a sua e a nossa consulta, essa fauna assombrosa que ele não permitiu – salvo exceções irresistíveis – ingressar nos livros dele. Para o leitor apaixonado de Borges são abundantes aqui as referências que podem aproveitar ao estudo da sua obra. Poder-se-ia mesmo esboçar um esquema do processo de aproximação, escolha e futura reelaboração, dos símbolos que funcionam nos escritos do autor – primeiro passo para um roteiro das suas preferências neste campo.

Com o auxílio de Margarita Guerrero, já sua colaboradora no ensaio *El Martín Fierro* da coleção *Esquemas* (1943), o Breviário 125 do Fondo de Cultura do México inclui a melhor parte do jardim zoológico das mitologias, “jardim cuja fauna não é de leões mas de esfinges, grifos e centauros”. Esse repertório, desmesurado embora finito, sem outro limite além de “el hastío o el asco”, é no entanto mais pobre que a zoologia de Deus, e estéril pela própria natureza. Bosch, Brueghel e Dürer, para tirar apenas três aficionados do saco de espantos da pintura, acabam por fatigar com o limitado horror dos seus monstros; nem de longe inspiram o absoluto desespero que em pessoas sensíveis causa uma imprevista e doméstica barata, bicho barroco que conosco divide cotidiano, casa e mesa. Flaubert, aparentemente modesto, acabou por tomar partido da última, depois de realizar o mural da *Tentação* – tema cheio de monstros que mereceu de Grünewald apenas uma das abas do políptico de Isenheim.

Pouco importa; o homem não resiste aos seus ídolos, que sabidamente transforma em símbolos para deles não se desfazer. Disto é prova a centena de exemplos que Borges coligiu no *Manual*, provenientes das mais diversas fontes. Flaubert (o do *Santo Antão*) e Plínio, Hesíodo e Wang Ta-Hai, Virgílio e Kafka, C.S. Lewis e Félix Coluccio, além de Homero, sir John de Mandeville, o

profeta Ezequiel, *La Légende Dorée*, Ovídio, Dante, Rudolf Steiner e vinte outros aí estão representados, sem esquecer os livros sagrados do Oriente e os armoriais do Ocidente. Colocados numa ordem alfabética complacente, que vacila com o autor em algumas nomenclaturas vagas (“animales metafísicos”, “animales esféricos”, “animal sonhado por C. S. Lewis”), o senso de humor que envolve esse livro de discreta erudição apenas disfarça o contentamento do antologista que descobriu o conjunto e o pormenor de semelhante fauna.

Museu a seu jeito, segundo a definição do próprio Borges, este não poderia deixar de ser também quieto, monstruoso, classificado... Como não? O bestiário é quase sempre atroz, e lado a lado, página após página – vamos e voltamos para nos certificarmos com exatidão da cor das penas do pássaro roca, do número das cabeças e caudas da hidra –, jaula após jaula visitamos os animais em cuja invenção o homem macaqueou o primeiro imaginário. Durante tal revista descobrimos mesmo que um dos componentes desse inédito Museu Grévin foi moldado morto: trata-se do estranho ser de que nos dá notícia Arthur Gordon Pym à p. 24, e foi içado a bordo perto das ilhas antárticas, junto com um galho de frutos avermelhados. Borges, transcrevendo-o de Põe, comenta secamente que embora fantástico, tal qual tinha sido descrito, esse era um animal possível. O leitor filósofo de que falava Virginia Woolf tome o pão na unha e prossiga a perspectiva imprevista, que pode levar longe o passeador solitário.



Mas vamos pela ordem. Do *AB* ao *AQu*, esse animal sensível ao valor das almas humanas que desde o princípio do mundo vive na Torre da Vitória, em Chitor, dele ao Zaratán dos cosmógrafos árabes do século XIII (que em português escreveríamos Çaratã, mudando o seu lugar na ordem alfabética da tradução), passando pela anfibesna, pelo baamute, pelo basilisco, pelo catoblepas, pelo centauro, pelo dragão (ocidental e chinês), pela esfinge, pelo fênix, pela hidra, pela mandrágora, pela quimera (naturalmente), pela sereia, pelo unicórnio –, a todos eles Borges acaricia passando preguiçosamente a mão complacente do dono, como se fosse o Léautaud desses pobres animais desamparados, que recolheu na chuva. Com a sua fina erudição, o poeta de *Fervor de Buenos Aires* tenta tornar ainda mais atraente um texto já de si cheio de agrado, transcrevendo em diversos pontos Quevedo, Góngora e as *Mil e Uma Noites*, como se necessário fosse reforçar a existência literária dessas criaturas esquecidas.

Apesar da enumeração de acima, deixo para o fim os monstros pelos quais optou minha preferência pessoal. Uma simples enumeração assustada não me parece suficiente para esses eleitos. Quero referir-me, por exemplo, aos animais dos espelhos, que invadiram a terra ao tempo do Imperador Amarelo. Não fora esse poderoso rei mago, de que Fu-Man-Chu é uma proposital contrafação, nosso mundo teria desaparecido. O Imperador Amarelo dominou com sua arte os intrusos e os obrigou à implacável pena de nos servirem, a cada um de nós, do limiar do seu reino, como se apenas fossem sombras dos nossos menores gestos. Consta, porém, que um dia eles se libertarão do encantamento e outra vez invadirão o mundo, rompendo o muro de vidro que nos separa. Antes da invasão “oiremos desde el fondo de los espejos el rumor de las armas”.

Animais esféricos chamou Borges, *d'après* Platão (*Leis*, 898), às estrelas, aos planetas e à própria Terra em que pisamos. A Renascença, palpitante de um platonismo ao mesmo tempo mundano e conventual, usou da idéia sem timidez. Vanini glosou-a generosamente, Marcilio Ficino falou dos cabelos, ossos e dentes da Terra, e o grande Giordano Bruno “sintió que los planetas eran grandes animales tranquilos, de sangre caliente”. Kepler e Robert Fludd, o ocultista, no século XVIII, assim como Fechner no século

XIX, não deixaram de pensar nessa idéia; Fechner disse mesmo que a figura esférica da Terra era a mesma do olho humano, indicação que não escapou a Magritte quando pintou em 1930 seu quadro *L'Oeil*. E tanto vai ela e volta que um de nossos poetas novos, Octavio Mora, a redescobre em belos versos do volume *Ausência Viva*:

*Galopa a terra – desordena a crina
Toda de árvores, e um hálito de vento
Percorre seu pescoço de colina...*

Não nos esqueçamos também da estátua de mármore de Condillac, que renasce outra vez com esse escritor, nem dos animais sonhados por C. S. Lewis, autor do misterioso *Perelandra* que ele nos revela. Nem do Cem-cabeças – *kharma* – de um brâmane orgulhoso; dos cervos celestiais, cujo nome irônico não os faz supor prisioneiros do seio da terra; do nesnás, primo do nosso saci, que tem somente a metade do corpo e meio coração; do simurg, o pássaro que se aninha na árvore da ciência e que o leitor de Borges já conhece do seu ensaio (ou *ficción?*) “El acercamiento a Almotásim”; do usquonk, da Pensilvânia, que ao se assustar se desfaz em lágrimas; ou dos quatro tigres cardeais do Anam.

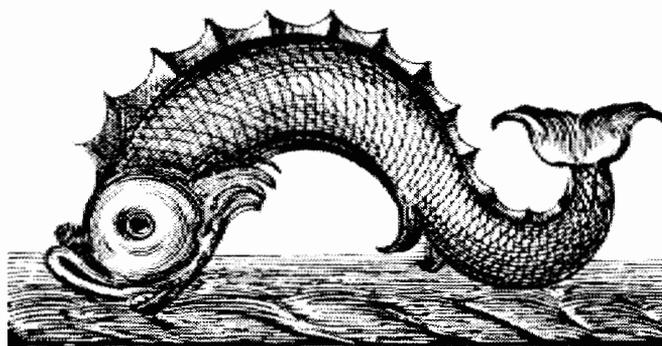
Como quem não faz livros e se apraz em aumentar o dos outros, não posso deixar de me lembrar, ao arbitrário sabor da memória, duns assombramentos e bestas-feras do nosso folclore e da minha infância, além dessa e outra engenhoca registada em livros mais à mão. Mesmo sem me referir ao volume que sobre a matéria possui Afonso Taunay (que recolheu o seu material dos cronistas e viajantes que nos visitaram nos séculos XVI e XVII), ocorre-me logo a mula-sem-cabeça-botando-fogo-pelas-ventas, que tanto entusiasmava a Marquesa de Rabicó, e pode ser aqui incluída, abstraindo-se a sua condição – penitencial – de comborça de padre (estão excluídos do livro os casos de transformação do homem em outra espécie): afinal uma égua sem cabeça vale pelo menos tanto quanto um asno de três patas. Podia lembrar também a Mãe-do-Ouro, não a ninfa de porcelana do meu conterrâneo Joaquim Felício dos Santos – que num conto romântico de 1863 imagina-a desnuda sob o luar, penteando os soltos cabelos louros

–, mas a versão recolhida por Câmara Cascudo no *Dicionário do Folclore Brasileiro*: mulher sem cabeça no Paraná, bola-de-fogo-de-ouro em São Paulo, passeando luminosa pelos ares, mas vivendo debaixo d'água. Ou a Boiúna, a Mboi-tatá, o Mboiaçu pertencentes à temível geração descomunal das serpentes fantásticas.

Não podemos compreender também por que razão os compiladores não incluíram no *Manual* o terrível monstro da 570ª das *Mil e Uma Noites*, do qual Borges acusa Mardrus, num luminoso ensaio sobre os tradutores daquele livro, ter *sans façons* arrancado as unhas de bronze.

Lembrems também, para ser juntada à espécie alarmante dos animais de pedra e lata, Hédaly, a *Eva futura*, do último grande Villiers de l'Isle Adam, que tenho aqui à mão em “obscena edición de lujo” do *Club du Meilleur Livre*. Com seu mecanismo interior de dentadas rodas de relógio, podia ser anexada à lista que, p. 139, precede ao Talos, o guarda metálico de Creta, uma das muitas invenções de Dédalo, pai de Ícaro. E ainda o ximu de Al Capp, o criador de Li'l Abner das histórias em quadrinhos, esse animal evangélico cujo fim natural é se oferecer em holocausto a quem tem fome, e faz hoje parte integrante da fauna risonha dos Estados Unidos. E também a fauna terrível de um outro argentino, Manuel Graña Etcheverry, o eruditíssimo arqueólogo da perdida Hedália: como esquecer as anaxitas, vacas carnívoras, tremendas, e os popantes, “*aves pesadas y corpulentas, de patas muy musculosas, que atacaban con gran ferocidad y fuerza a patadas y aletazos*”?

Além disso, uma próxima edição do *Manual* não pode deixar de incluir a estranha piaba de que me falou a poeta Lélia Coelho Frota, meio peixe e meio revista, cuja graça líquida é sem dúvida muito mais estranha que o próprio mirmecóleon, metade leão, metade formiga. Um pescador dos arredores da mineira e progressista cidade de Varginha (de onde é originária a família da



informante) conseguiu fisgá-la num domingo glorioso, mas entre atônito e espavorido devolveu-a ao riacho. Embora não tivesse podido, na sua inenarrável surpresa, folhear a “parte revista” da piaba, como seria desejável, declarou ele, em notícia glosada pela imprensa local, que o texto impresso é muito legível e está num papel encorpado. Preso pelo anzol, debatendo-se ansiosamente, o peixe-impresso produzia o rumor característico das folhas de um livro continuamente aberto e fechado com violência; conservava-se muito bem dentro d’água a tinta das páginas. Não é a primeira vez que aparece, e conserva a tradição, informada pelo poeta Múcio Teixeira, antigo pensionista de São Cristóvão, que o Imperador Pedro II cuidava com acendrado zelo de um desses *pisces incunabulus* (Linn.), oferecido a Sua Majestade, em 1879, por uma sociedade literária da província do Maranhão. Desse exemplar não se teve mais notícia desde a proclamação da República e o progressivo abandono em que caiu a Quinta Imperial. Quer outra versão, infelizmente não confirmada, aliás, que algum adesista do novo regime, por pura paixão política, tenha dado fim à raridade zoológica, pensando assim demonstrar zelo às instituições recém-inauguradas. Mas fiquemos por aqui. Naturalmente essas “contribuições”, conforme já se declarou, não atendem senão impertinente à fantasia e à memória de um leitor afoito.

Não sei se já estarei discrepando quando anoto, para finalizar, que as ilustrações do livro (exceção de duas ou três, inclusive o catoblepas da capa) foram propositalmente distribuídas de maneira caótica pelo volume: a meu ver trata-se de uma experiência do autor, que, duvidando da eficácia da sua descrição, põe à prova o leitor. Seria, quem sabe, um convite tácito para que este escrevesse a lápis, embaixo de cada um desses monstros, o nome que lhe corresponde – tácita confirmação de que o autor foi convincente.

Tal pode ser o desafio do comovido zoólogo fantástico Jorge Luis Borges, que nesta fauna tão eloqüente reencontra alguns dos melhores *pretextos* da sua obra. Porque está presente, neste livro aparentemente fútil e sem maior conseqüência, o escritor de imaginação ardente, bom leitor, e seguro, das principais literaturas do mundo, que, numa compilação das invenções alheias, revela-se (confirma-se) insuperável inventor.

1958



Final dos anos 50.

Márcia dos Anjos, filha do escritor Cyro dos Anjos, Lélia Coelho Frota, Alexandre Eulálio, Francisco Alvim, Clara de Andrade, que mais tarde seria Alvim, Cláudio Mello Souza, Nazareth Martins e Otávio Mora em torno da mesa de um restaurante em Copacabana, travessa da avenida Atlântica.

Borges em inglês

Apareceram simultaneamente em inglês os dois livros de contos de Jorge Luis Borges, *Ficciones* e *El Aleph*, editados em 1962, o primeiro, pela Groove Press, com o título original, e o segundo, pela New Directions, com o de *Labirinth*s. Este interesse repentino dos americanos em parte é fruto do estágio realizado na Universidade do Texas e das conferências proferidas em outros pontos dos Estados Unidos por esse argentino de gênio, que um *Time* de junho de 62 não titubeava em chamar “*The greatest living writer in Spanish language*”.

Resta saber se o público intelectualizado de língua inglesa receberá do autor de *Discusión* o mesmo impacto por ele provocado entre o de tradição neolatina. Sim, porque é preciso não esquecer que a influência da literatura americana, e em especial da inglesa, é decisiva na obra de Borges. Muito deve ele a Wells, Stevenson, Shaw, De Quincey, Chesterton, Melville e Poe, para não irmos além do século XIX. Desse modo, a simples leitura das suas ficções, algumas delas decididamente ensaísticas, poderia no primeiro instante decepcionar [o público conhecedor] daqueles numes tutelares citados acima, com a incômoda (e falaz) impressão de *déjà-vu*.

Todavia também está fora de dúvida que qualquer pessoa de sensibilidade não tardaria a descobrir o viço original do escritor sul-americano. Contos como “Emma Zunz”, “Las ruinas circulares”, “El Sur”, “La busca de Averroes”, “El milagro secreto”, “El Aleph” enriqueceriam qualquer literatura, mesmo descontada a obrigatória dívida externa de sempre discutíveis modelos e influências. O que sem dúvida fica perdido para o leitor anglo-americano, pelo menos daquele que não tenha convivido *in loco* com as nossas elites, é um certo sutil e matizado esnobismo tipicamente ibero-americano. Esnobismo ontológico que poderíamos caracterizar como resultante daquele “complexo de inferioridade orgulhosíssimo” de que fala Mário de Andrade.

Isto porque a nossa curiosa balança de valores das diferentes autoridades a que apelamos – francesas, inglesas, alemãs, rus-

sas, chinesas – encontra excelente, malicioso espelho na obra de Borges. Só alcançará essa dimensão da sua agudeza quem aí puder acompanhar o complexo jogo alusivo aos nossos ainda humilhados e ofendidos orgulhos nacionais: a sua expressão “meramente argentino” é uma das incômodas representações irônicas desse estado de vigília. Donde a premência do seu cosmopolismo, antítese de uma tese entranhadamente bairrista e cuja síntese realiza a universalidade aberta e compreensiva do autor de *Ficciones*.

Através dessa universalidade J.L. Borges ultrapassa a categoria de mero documento de sociologia cultural, sendo, como é, um escritor que soube falar a língua do seu tempo.

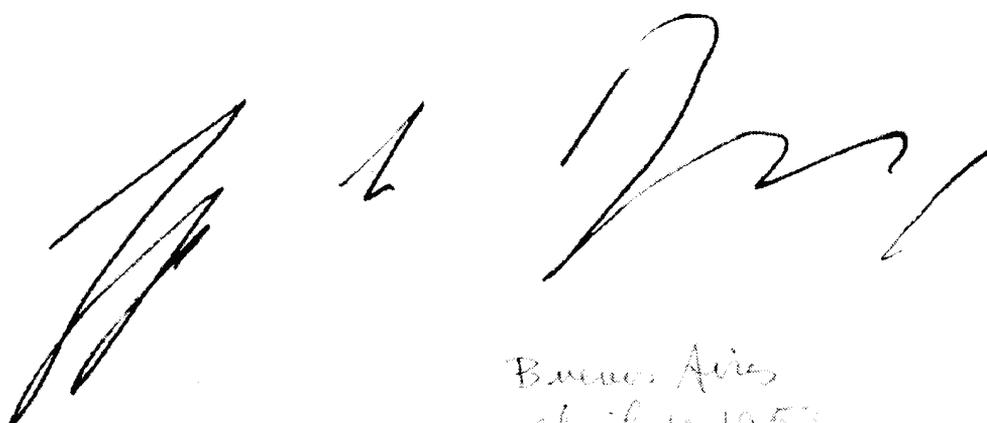
1963

Alexandre Eulálio

Ampulheta de Borges

Estirado numa cadeira de lona, ao sol frio de agosto, Jorge Luis Borges descansa os seus oitenta anos – ou oitenta séculos? – num terraço bonaerense que parece inventado pela irmã dele, Norah, nos desenhos e óleos “metafísicos” que pintava ao fim dos Anos '20. Os óculos escuros meio escondem o rosto, que palpita na luz, e acabam por alterar o perfil pesado de grande peixe das profundezas. Protegem aqueles olhos que distinguem com dificuldade, e sem maior interesse, a enevoada aparência das coisas. Mas talvez procurem também resguardá-lo do próximo entrevistador, já escondido na escada. O repórter sobe ao terraço e faz as mesmas perguntas repetidas desde 1950 em três ou quatro línguas diferentes, sem um sorriso para a polida, distante inverossimilhança das respostas. Essas respostas constituem velho jogo entre “Borges” e ele mesmo, duplo digladiando com a própria imagem diante do espelho; combate hoje travado com indiferença entre o estereótipo consagrado e o irrequieto demônio que continua a habitar o interior da própria herma. Estirado ao sol frio na espreguiçadeira, a bengala apoiada às pernas, debaixo da manta escocesa, Borges descansa ao lado dos oitenta anos dele. E eis que de repente começa a lhe martelar a cabeça, palavra escandida atrás de palavra, o primeiro verso de um poema novo. Texto que, em pequenos arranços, vai deixando na memória o próprio rastro escuro, assim como a notícia urgente se escreve sozinha sobre a fita do telex.

Poeta, ensaísta, autor de ficções cuja originalidade ainda nos agride, Borges havia ousado, “cidadão de uma república meramente Argentina”, reinstalar em Buenos Aires a biblioteca de Alexandria com técnicas mais modernas. O aço escovado do humorismo dele, seco, contundente, sobriamente desencantado, de um egotismo confesso e professo, percorria socraticamente andares e porões desse museu imaginário, visitando teologias, éticas, sistemas filosóficos e planetários, história universal e cultura da província. Surpreendendo as mais intrigantes vestimentas e máscaras do tempo, recuperava, para o leitor perplexo, histórias de gaú-



Buenos Aires
abril de 1957
no gabinete dele da
Biblioteca Nacional
de Calle Mexico

“ Me habían dicho que alguien
compraba mis libros. Ahora
veo que era usted...”

Autógrafo de Borges. Abaixo, anotação de Alexandre Eulalio:

*Buenos Aires
abril de 1957
no gabinete dele da
Biblioteca Nacional
de Calle Mexico*

*“ – Me habían dicho que alguien
compraba mis libros. Ahora
veo que era usted...”*

chos e sagas, sistemas pseudológicos e alegorias da memória, remotas cosmogonias e bandidos metafóricos, mitologemas de arrabalde e indicações da realidade. Essa “espécie de dialética hegeliana” sem compromisso Mário de Andrade já em 1928 adivinhava inseparável da “fadiga contemplativa e condescendente” do maneirista sutil de *Inquisiciones*. Esse jogo com tempos e eternidades, de confronto contínuo entre passado e futuro, servido pela ironia e pelo paradoxo, testemunhava a concepção cíclica do pensamento de Borges, ao mesmo tempo mágico e lógico. Não é difícil entender o fascínio que tal obra exerceu, pela singularidade da própria proposta, dado o apelo que ofereciam as sendas divergentes de um pensamento em aberto. Borges oferecia ao primeiro chegado o gesto esquecido de virar ao contrário o relógio de areia e a descoberta dos minúsculos grãos do bojo de vidro fluindo de uma ampola à outra.

Não obstante, havendo aderido de corpo e alma aos valores vitorianos e eduardianos da sua formação, esse mestre-de-cerimônias do tempo assistiu, incrédulo e inconformado, à derrocada de uma época da qual se sentia órfão. Explorando e reinventando com gênio as mais recônditas virtualidades intelectuais daqueles valores, deles não soube refutar aquilo que possuíam de mais monstruoso e perempto. O profundo sentimento de casta, a ignorância – assumida – dos pressupostos econômicos, a hierarquização valorativa de raças e culturas (com a conseqüente defesa da missão ordenadora dos imperialismos), a insensibilidade pelos problemas sociais, fora da área pietística, o encarecimento passional de “conceitos” vagos como ordem, decoro, civilização – parecem ter sido no dia-a-dia absorvidos pelo escritor como categorias indiscutíveis e definitivas. À margem do arco voltaico da sua obra, as opiniões políticas e sociais do ficcionista de *El Aleph* representam lancinante testemunho de desaceleração do tempo ideológico – soturno testemunho, em negativo, da universalidade dos temas que abordava. Singular destino sul-americano desse homem que, refutando o tempo em que viveu, o marcou com o sinal indelével da própria presença.

(No terraço ensolarado de Buenos Aires, Jorge Luis Borges repete mais uma vez de si para si, a fim de fixá-lo na fungível memória, o poema que acabou de compor.)